CARTA BRASIL-CHINA

EDIÇÃO 17 _ JULHO 2017





ARTIGO DE ABERTURA

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

ENTREVISTA

Marcos Jank

ANÁLISE CEBC

O agronegócio nas relações comerciais sino-brasileiras

EVENTO

Participação do CEBC no Brasil Investment Forum

UPDATE

Comércio Bilateral Brasil-China

Patrocínio:



A China, os desafios e as oportunidades para a economia brasileira

O profundo desequilíbrio das contas públicas brasileiras, essencialmente herdado de governos anteriores, dificilmente será corrigido nos próximos anos, por mais severo que seja o ajuste fiscal em curso. Essa constatação, aliada à baixa propensão para poupar da economia brasileira, leva à conclusão de que nosso crescimento econômico nos próximos anos será modesto e insuficiente para recolocar o Brasil num círculo virtuoso de crescimento e prosperidade. Na verdade, a melhor alternativa de que dispomos é a de aproveitar nichos de crescimento da economia mundial.

Nesse contexto, é possível verificar que a China continuará a crescer mais rapidamente do que a economia mundial: todos os indicadores mostram que nos próximos cinco a dez anos a economia chinesa continuará a crescer a taxas superiores à média da economia mundial. Em 2021, prevê-se que a economia chinesa será o dobro do que era em 2010 – seu PIB terá então cerca de 12 trilhões de dólares, o que, segundo os próprios chineses, qualificará a China como uma "sociedade moderadamente próspera". A China está às voltas com uma mudança em seu paradigma de crescimento, no qual o consumo deverá ser o principal motor do desenvolvimento chinês.

Assim, as previsões dão conta que, por exemplo, a demanda chinesa por produtos agrícolas e alimentícios deve crescer de 11% a 13% ao ano até 2030, o que significa crescer quatro vezes em relação aos níveis atuais.

O novo foco da China na expansão do consumo doméstico certamente abrirá oportunidades para os manufaturados brasileiros retomarem seu espaço nesse mercado. E o mesmo pode ser dito em relação às oportunidades que se abrirão no setor de serviços, onde o Brasil já tem nichos de vantagens comparativas, como é o caso de tecnologias bancárias.

Os crescentes investimentos chineses no Brasil podem ser fundamentais para o País melhorar sua infraestrutura e produtividade, em suma, reduzir o chamado **custo Brasil**. A China já tem no Brasil um estoque de investimentos da ordem de 40 bilhões de dólares, com a presença de mais de 200 empresas espalhadas por 16 estados da federação. A China se propõe a investir cerca de 500 milhões de dólares na América Latina no período de 2015 a 2019.

O elenco de oportunidades é perceptível para qualquer cidadão que acompanhe o desempenho da economia chinesa. E agora, quais são os desafios? Para tirar partido das oportunidades abertas pela nova estratégia de desenvolvimento da China, o Brasil precisa necessariamente aumentar sua competitividade internacional. Para tal, precisamos investir em infraestrutura e capital humano e fortalecer inequivocamente o ambiente

de negócios. Adquirir esses pré-requisitos é essencial para que o Brasil possa inserir-se vantajosamente nas cadeias globais de valor e maximizar as vantagens comparativas que o país possui e poderá adquirir. Investir em infraestrutura todos sabemos o que significa. Investir em capital humano traz à baila o tema da educação em todos os níveis, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Sem educação adequada é muito difícil aumentar a produtividade da mão-de-obra. Fortalecer o ambiente de negócios significa promover a abertura ordenada, mas decisiva, da economia e implantar um quadro regulatório claro e estável para que o mercado brasileiro seja efetivamente atraente para os investimentos de que tanto necessitamos.

Em suma, é preciso fazer o nosso "dever de casa", ainda haja razões para sermos otimistas. A propósito, não seria descabido citar Voltaire e seu personagem Candide: "isso é bem dito, mas é preciso cultivar o nosso jardim".



Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

Presidente do Conselho Empresarial Brasil-China

Marcos Jank

Presidente da Aliança Agro Ásia-Brasil (Asia-Brazil Agro Alliance – ABAA)*

CEBC: Segundo dados do Ministério da Agricultura, no último ano, o Brasil exportou US\$ 20,8 bilhões em produtos do agronegócio à China, o que corresponde a quase ¼ de todas as vendas do setor destinadas ao exterior. Entretanto, é notável a grande concentração de produtos de baixo valor agregado. Nesse sentido, quais seriam as medidas mais urgentes a serem tomadas pelo Governo Brasileiro, junto ao Governo Chinês, para facilitar a diversificação da pauta exportadora direcionada ao país asiático?

MARCOS JANK: O Brasil não deveria ficar refém da atual agenda chinesa de abertura comercial, sob o risco de permanecer apenas como fornecer de minérios e componentes de ração ani-

mal. É fundamental aumentar o valor adicionado na pauta do agronegócio, por exemplo, por meio da ampliação das exportações de proteínas animais, cujo valor por tonelada é de 4 a 10 vezes maior que a da soja e que ainda traz benefícios ambientais derivados de um melhor balanço hídrico e energético, além de uma menor pegada de carbono nas exportações.

Porém, infelizmente, enquanto as exportações de soja, algodão, café e celulose entram na China quase sem nenhuma restrição, as carnes e outros produtos de maior valor adicionado são restringidos por barreiras técnicas e sanitárias, além de um processo moroso de habilitação de plantas produtivas para exportar. Basta dizer que a China

46

O Brasil não deveria ficar refém da atual agenda chinesa de abertura comercial, sob o risco de permanecer apenas como fornecer de minérios e componentes de ração animal."

acaba de impor uma salvaguarda contra a importação de açúcar que faz com que a tarifa de importação chegue a quase 100%.

As empresas chinesas vêm investindo pesadamente nos setores brasileiros de energia, infraestrutura, construção civil e agronegócio. Uma nova lei vai autorizar a aquisição de terras no Bra-

sil. Portanto, é fundamental equilibrar melhor essa relação, olhando de forma prospectiva para as próximas duas a três décadas, como fazem os chineses.

O Brasil precisa saber o que quer da China e se organizar melhor, no sentido de construir uma parceria estratégica que traga benefícios concretos e equilibrados para os dois lados no longo prazo.

^{*} Marcos S. Jank é presidente da Aliança Agro Ásia-Brasil (Asia-Brazil Agro Alliance – ABAA). Anteriormente, foi vice-presidente de assuntos corporativos e desenvolvimento de negócios da BRF para a região Ásia-Pacífico, presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), fundador e presidente do Instituto de Estudos do Comércio e das Negociações Internacionais (ICONE). Serviu como especialista em Integração e Comércio no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington, DC, e foi Professor Associado da Universidade de São Paulo, nas faculdades de Economía e Administração (FEA) e de Ciências Agrárias (ESALQ).

Recentemente o senhor passou a liderar a recém-criada Asia Brazil Agro Alliance. Nesse sentido, como será o modo de atuação dessa nova empreitada no que se refere ao relacionamento do Brasil com China? Quais os objetivos e estratégias da organização?

O objetivo da Aliança Agro Asia-Brasil é aprimorar o perfil e a representatividade do agronegócio brasileiro nos países asiáticos. Isso será feito pela ampliação das relações com governos e stakeholders da região, principalmente associações empresariais, organizacões não governamentais, veículos de comunicação e entidades acadêmicas, de pesquisa e representativas da opinião pública.

A aliança reúne três entidades exportadoras: Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), que reúne os exportadores de carne bovina; a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que representa o setor de aves e suínos; e a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), principal entidade representativa do setor de açúcar e etanol. O projeto é uma parceria dessas três entidades com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil) e os Ministérios da Agricultura e das Relações Exteriores.

Os principais países de atuação serão China, Índia, Japão, Coreia do Sul e o

Sudeste Asiático. Com metade da população do planeta e forte crescimento da renda per capita, esses países constituem a região com maior potencial para o desenvolvimento de mercados e investimentos destes setores. O projeto inclui ainda um esforço para expandir o diálogo e a imagem do agronegócio brasileiro. A China será o país que receberá maior atenção e recursos do projeto.

Um número significativo de países com vocação agrícola tem buscado aproximação com a China no setor do agronegócio. Os Estados Unidos estão em diálogo com Pequim em busca da retirada do embargo as exportações de carne bovina americana para o mercado chinês. A Austrália tem um grande portfólio de produtos destinados ao país asiático, de gado vivo à cortes Premium. Como o Brasil tem se posicionado frente ao avanço desses grandes concorrentes em relação à China?

O Brasil detém o maior superávit comercial do mundo no agronegócio, e a China o maior déficit. Isso aconteceu por conta das importações chinesas de soja em grão, que é o nosso carro-chefe. No entanto, a diversificação e adição de valor aos produtos que buscamos depende de ações coordenadas entre os dois países. Austrália, Nova Zelândia, Europa e Estados Unidos atuam em Pequim há varias décadas, com forte representação do governo e do setor privado. O Brasil finalmente acordou para o desafio de se fazer mais presente na China, reforçando a estrutura da Embaixada, dinamizando o escritório da APEX e ampliando a representação do setor privado em Pequim e Xangai.

No contexto asiático, além da China, que outros países da região podem apresentar oportunidades para o agronegócio brasileiro no médio/longo prazo?

No Brasil muita gente acha que a Ásia é a China, pela importância que esse país assumiu no comércio e na atração de investimentos para o País. Não resta dúvida que o potencial de crescimento da China sombreia o resto da região, mas não podemos depender apenas da venda de duas ou três commodities para o país asiático. Da mesma forma que temos de diversificar a pauta exportadora em termos de produtos, também temos de fazê-lo nos destinos. Creio que há três outros destinos importantes na Ásia.

No Leste, tem o Japão e a Coreia do Sul, que são mercados maduros e consolidados, que compram produtos mais sofisticados

No Sudeste tem a ASEAN - a Associação das Nações do Sudeste da Ásia hoje o segundo maior bloco econômico do planeta, que cresce mais de 5% ao

O Brasil finalmente acordou para o desafio de se fazer mais presente na China, reforçando a estrutura da Embaixada, dinamizando o escritório da APEX e ampliando a representação do setor privado em Pequim e Xangai.

ano. São 630 milhões de habitantes vivendo sobre uma área que é metade do território brasileiro.

Ao Sul, tem a Índia, que será a próxima China, após as reformas se iniciaram com o Primeiro Ministro Narendra Modi, que muitos chamam de "Deng Xiaoping da Índia".

O agronegócio nas relações comerciais sino-brasileiras

A evolução das exportações brasileiras destinadas à China

crescimento da população chinesa nos últimos, acompanhado do acelerado surgimento de áreas urbanas e da ascensão de uma nova classe média no país asiático geraram uma demanda sem precedentes por alimentos. Nesse contexto, o Brasil, vasto em território e um dos principais líderes mundiais em tecnologias agrícolas, tem desempenhado papel estratégico nos planos de segurança alimentar de Pequim.

Em um espaço de dez anos, a expansão das exportações de produtos do agronegócio do Brasil para a China foi notável. Entre 2006 e 2016 os embarques destinados ao país asiático apresentaram média de crescimento anual de 21%, chegando ao recorde de US\$ 22,9 bilhões em 2013.

No que se refere às exportações do agronegócio - e das commodities em geral - para a China, é bom ter em mente que o aumento da participação do setor na pauta brasileira deveu-se muito mais ao aumento dos preços do que necessariamente ao incremento dos volumes exportados. Com efeito, como se verá

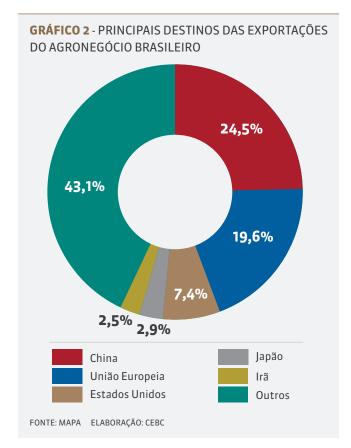


nos gráfico e tabela a seguir, o aumento das exportações do agronegócio para a China foi, entre 2006 e 2016, de 281% em volume, e 447% em termos de valor.

Como pode ser observado, o volume exportado manteve curva ascendente em praticamente toda a trajetória. Em termos financeiros, a curva do gráfico passou a indicar leve declínio a partir de 2013, ano que marca um período de queda nos precos das principais commodities agrícolas exportadas pelo Brasil, caso particularmente notável no setor de soja e derivados.

No contexto global, a China é hoje o principal destino das exportações brasileiras, não apenas em termos gerais, como também no agronegócio. Em 2016, o país asiático recebeu quase um quarto de todas as exportações do setor, a frente da União Europeia (19,6%), Estados Unidos (7,4%), Japão (2,9%), Irã (2,5%), e outros países com participações individuais menos relevantes.

Na última década, parcela importante das exportações totais brasileiras para a China tem sido preenchida pelo agronegócio. Como pode ser observado no gráfico a seguir, desde 2006, ano após ano o setor responde por praticamente metade de todos os embarques destinados à China.

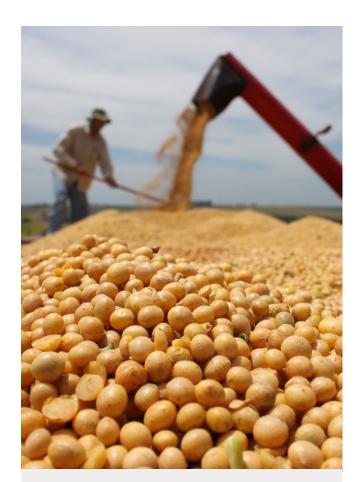




Ainda que o agronegócio brasileiro seja o setor mais relevante em termos comerciais, é perceptível que falta certo dinamismo nas exportações. Excessivamente concentrada, a cesta de produtos enviada à China se limita basicamente ao complexo soja, que dentro do setor, respondeu por 70% das exportações em 2016, seguido por celulose, madeira e papel (12%), carnes (8%), complexo sucroalcooleiro (4%) e couros (3%).

É notável também que em dez anos, apesar da vigorosa expansão do volume vendido, não houve mudanças estruturais significativas na cesta de produtos. Em 2006, os itens exportados eram basicamente os mesmos que do cenário atual, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A exceção à regra, entretanto, pode ser observada no

caso das exportações de carne bovina. Em 2012 o governo chinês havia embargado os negócios envolvendo o envio do produto para a China continental frente a um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (ainda que a Organização Mundial de Saúde Animal tivesse à época considerado o caso brasileiro como "risco negligenciável"). Houve então um hiato no comércio da proteína, que só foi liberada em 2014, quando da visita do presidente chinês Xi Jinping ao Brasil. Após acertos burocráticos, os embarques de carne bovina destinados a China retomaram seu lugar na pauta, e respondem atualmente por cerca de 40% da cesta de proteínas animais enviadas à China, atrás apenas do setor de carnes de aves, que detém parcela de 49%, segundo dados do MAPA referentes a 2016.



Excessivamente concentrada, a cesta de produtos enviada à China se limita basicamente ao complexo soja, que dentro do setor, respondeu por 70% das exportações em 2016

TABELA 1 - AGRONEGÓCIO: EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A CHINA (2016)

PRODUTO	VOLUME (MIL TONS)	VALOR (US\$ MILHÃO)	PARTICIPAÇÃO US\$ (%)	
TOTAL	48.764	20.831	-	
COMPLEXO SOJA	38.820	14.563	70%	
PRODUTOS FLORESTAIS	6.004	2.412	12%	
CARNES	737	1.752	8%	
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	2.431	839	4%	
COUROS, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	171	573	3%	
FUMO E SEUS PRODUTOS	43	280	1%	
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	82	113	1%	
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	61	105	1%	
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUI SOJA)	198	61	0,3%	
SUCOS	33	59	0,3%	
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	173	30	0,1%	
CAFÉ	3,9	13,8	0,1%	
PESCADOS	2,2	9,2	0,04%	
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	0,9	7,7	0,04%	
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	2,5	7,2	0,03%	
RAÇÕES PARA ANIMAIS	1,2	1,8	0,01%	
FRUTAS (INCLUI NOZES E CASTANHAS)	0,3	1,4	0,01%	
PRODUTOS APICOLAS	0,1	1,2	0,01%	
BEBIDAS	0,3	0,8	0,004%	
CACAU E SEUS PRODUTOS	0,1	0,4	0,002%	
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	0,03	0,2	0,001%	
PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA	0,005	0,03	0,0002%	
PRODUTOS HORTÍCOLAS, LEGUMINOSAS, RAÍZES	0,005	0,03	0,0001%	
ANIMAIS VIVOS (EXCETO PESCADOS)	0,00004	0,02	0,0001%	
LÁCTEOS	0,00009	0,001	0,000004%	

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS ELABORAÇÃO: CEBC

Importações brasileiras oriundas da China

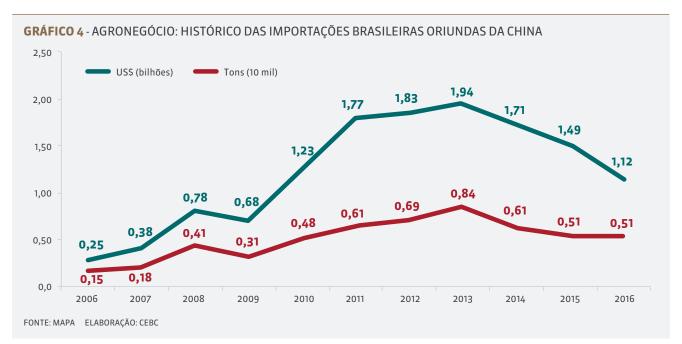
Comparativamente, as importações brasileiras do agronegócio chinês são mais modestas. Nos últimos dez anos, o crescimento dos embarques vindos do país asiático variou em média 23% anualmente, ainda que seja notável a instabilidade no comércio dos produtos do setor. Em 2006 foram importados produtos equivalentes a US\$ 250 milhões, chegando ao pico de US\$ 1,94 bilhão em 2013.

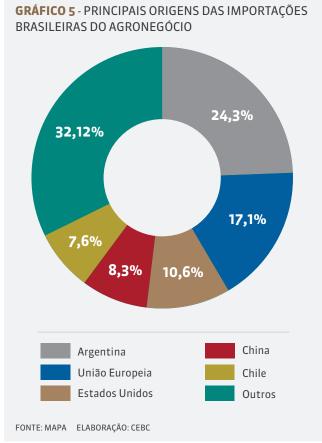
Ao contrário dos envios do Brasil para a China, a participação do agronegócio na pauta de importação brasileira oriunda do país asiático é pouco significativa,

tendo oscilado entre 3% e 5% nos últimos dez anos, dado que o movimento das importações é geralmente voltado para insumos ligados a indústria, sobretudo de materiais elétricos e mecânicos

Em termos globais, a China tem participação relativamente limitada entre as principais origens de produtos do agronegócio importados pelo Brasil. Como pode ser observado no gráfico abaixo, a Argentina é o país que mais exporta produtos do setor para o Brasil, com market share de 24,3%, seguida pela União Europeia e Estados Unidos. Os três primeiros colocados no ranking respondem por pouco mais da metade de todas as importações.

A pauta de importação vinda da China é também bastante concentrada. Em 2016, as compras de alimentos





hortícolas resfriados, secos, conservados ou congelados responderam por 26% da cesta de produtos, seguidas por fibras e produtos têxteis (24%), papel, madeira, celulose e borracha (15%), pescados (13%) e rações para animais (6%). Considerando a evolução das importações desde 2006, nota-se que pouco mudou nos últimos dez anos, a não ser pela entrada recente de pescados na pauta, que era antes irrelevante e hoje figura entre os cinco principais produtos importados do setor

A pauta de importação vinda da China é também bastante concentrada. Em 2016, as compras de alimentos hortícolas resfriados, secos, conservados ou congelados responderam por 26% da cesta de produtos.



TABELA 2 - AGRONEGÓCIO: IMPORTAÇOES DO BRASIL ORIUNDAS DA CHINA (2016)

PRODUTO	VOLUME (MIL TONS)	VALOR (US\$ MILHÃO)	PARTICIPAÇÃO US\$ (%)
TOTAL	508	1.124	-
PRODUTOS HORTÍCOLAS, LEGUMINOSAS, RAÍZES	214	298	26%
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	29	275	24%
PRODUTOS FLORESTAIS	129	164	15%
PESCADOS	52	148	13%
RAÇÕES PARA ANIMAIS	31	69	6%
CARNES	8	55	5%
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	8	44	4%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	9	24	2,1%
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	11	14	1,3%
FRUTAS (INCLUI NOZES E CASTANHAS)	6	10	0,9%
COUROS, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	0,4	7	0,6%
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	1,4	6,2	0,6%
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	1,9	4,0	0,4%
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	4,6	3,1	0,3%
FUMO E SEUS PRODUTOS	0,6	2,1	0,2%
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUI SOJA)	0,4	1,5	0,14%
CACAU E SEUS PRODUTOS	0,4	0,7	0,07%
SUCOS	0,3	0,3	0,03%
PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA	0,0	0,1	0,01%
BEBIDAS	0,1	0,1	0,01%

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS ELABORAÇÃO: CEBC

Participação do CEBC no Brasil Investment Forum

Sessão Paralela "Investimentos Chineses no Brasil"

o dia 31 de março, no contexto do Brazil Investment Forum, organizado pela Apex--Brasil e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Conselho Empresarial Brasil-China, o China Council for the Promotion of International Trade (CCPIT) e a Associação Brasileira de Empresas Chinesas (ABEC) realizaram uma sessão paralela sobre os investimentos chineses no Brasil. O evento contou com a participação do Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves, Presidente do CEBC, e do Embaixador da China no Brasil, Li Jingzhang, além de nomes como Zhang Guanghua (Diretor Presidente do Bank of China no Brasil), Marcelo Andrade (Diretor da COFCO), Lin Li (CEO da CCCC South America) e Li Yinsheng (CEO da China Three Gorges Brasil). Participaram também do evento representantes de alto escalão dos governos de ambos os países, assim como mais de 100 convidados oriundos de grandes empresas brasileiras e chinesas com especial interesse nas relações sino-brasileiras.

A abertura do evento contou com a participação do Embaixador da China no Brasil, Li Jingzhang, que res-



saltou as medidas que o Brasil tem tomado para a atração de investimentos estrangeiros. De acordo com o Embaixador Li, o Brasil é a maior economia e mercado consumidor de América Latina, contando com um grande potencial para a realização de investimentos. Nos últimos anos, de acordo com o diplomata, a cooperação na área de investimentos vem crescendo constantemente e a estrutura do investimento chinês no País está se aperfeiçoado. O Brasil já se tornou o primeiro destino de investimento chinês na América

Latina, e atualmente há mais de 200 empresas chinesas que empreendem no Brasil, com um estoque de investimento de aproximadamente US\$ 40 bilhões nas áreas de petróleo, eletricidade, mineração, manufaturas, agricultura, finanças, entre outras.

O Embaixador Li também salientou o lançamento do Fundo de Investimento Brasil-China com um valor total de US\$ 20 bilhões, que elevará para um novo patamar a cooperação bilateral na área de investimentos. De acordo com as previsões, daqui a cinco anos os investimentos da China no exterior alcancarão o valor de US\$ 750 bilhões, e países emergentes como o Brasil serão destinos prioritários. Nesse sentido, a China e o Brasil devem acelerar a implementação de planos de inovação em um novo modelo de investimentos e cooperação financeira, explorando novas medidas para facilitar os investimentos no intuito de criar um ambiente mais estável e previsível.

Logo, o Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves fez algumas considerações introdutórias sobre a evolução recente e o estado atual dos investimentos chineses no Brasil. De acordo com Castro Neves, nos últimos anos houve um aumento crescente dos investimentos chineses no País, particularmente a partir de 2010. Mais recentemente, entre 2014 e 2015, os investimentos aceleraram de forma notável, sendo que em 2016 o montante investido por empresas chinesas aumentou aproximadamente 10%, alcançando US\$ 8,4 bilhões. Além do valor, pode-se constatar uma mudança qualitativa no perfil dos investimentos, que inicialmente eram restritos aos setores dos quais a



China era um grande importador (petróleo, mineração), mas progressivamente experimentaram diversificação dos projetos.

Por outro lado, em 2015 é possível detectar que o aumento dos investimentos chineses no mundo inteiro foi considerável e o Brasil acompanhou esse movimento. No entanto, a partir de 2016 houve certo descolamento dos dados, no sentido em que o investimento chinês no Brasil parece crescer de forma ainda mais acelerada do que os investimentos chineses no mundo. Finalmente, o presidente do CEBC salientou que o Brasil tem ainda um grande desafio pela frente, que consiste em definir uma estratégia clara no que tange o relacionamento com a China.

Posteriormente Zhang Guanghua, Diretor Presidente do Bank of China no Brasil apresentou sua visão sobre a relação empresarial entre ambos os países. De acordo com o palestrante, a trajetória de investimentos chineses no Brasil chegou a um estágio de evolução no qual o capital chinês deve mostrar seus planos para o futuro. Em primeiro lugar, o ritmo de crescimento dos investimentos externos da China tem sido elevado Segundo os dados do Ministério de Comércio Chinês. os investimentos do país no mundo, excluindo o setor bancário, atingiu o valor de US\$ 170 bilhões, o que representa um aumento de 44% em comparação com o ano anterior

Em segundo lugar, de acordo com o palestrante é importante considerar que o investimento chinês no Brasil tem crescido de forma acelerada. Apesar de o capital chinês ter descoberto o Brasil relativamente tarde, nos últimos anos o investimento cresceu muito rápido, empregando mais de 30 mil funcionários. Nesse sentido, cabe salientar que o espaco para o investimento chinês no Brasil é enorme e a China tem



a capacidade necessária para investir ainda mais no País. Essa observação se baseia no desenvolvimento recente da economia chinesa, já que os fundamentos econômicos da China permanecem em grande medida estáveis (o crescimento do ano passado foi de 6,7% e no primeiro trimestre de 2017 chegou a 6,9%). Zhang Ghanghua foi enfático ao afirmar que o desenvolvimento da China é uma oportunidade para o mundo. Estima-se que nos próximos anos as importações chinesas alcançarão o valor de US\$ 8 trilhões e os investimentos globais, US\$ 700 bilhões. Tudo isso irá fornecer a todos os países do mundo um mercado mais amplo e uma importante fonte de capital. As expectativas de crescimento da economia chinesas são promissoras, e nesse contexto o Brasil é um mercado potencial muito importante para o capital chinês.

Zhang Guanghua mencionou ainda que as áreas mais relevantes para o investimento chinês no Brasil nos próximos anos serão principalmente as de infraestrutura e agronegócio. Evidentemente, o investimento será diversificado, abarcando outras áreas importantes como serviços e saúde, mas os empreendimentos nas áreas em questão parecem particularmente promissores.

O Brasil já conta a presença em território nacional dos principais bancos chineses. Essas instituições irão oferecer melhores condições de financiamento e produtos para as empresas chinesas que queiram investir no País, mas também oferecerão serviços para empresas brasileiras. Com os grandes bancos chineses operando no Brasil a cooperação entre ambos os países será mais estreita, afirmou Zhang.

O palestrante concluiu sua apresentação fazendo duas sugestões. Em primeiro lugar, ressaltou a importância do acordo de swap de moedas assinado alguns anos atrás, sendo que a implementação desse acordo é uma medida urgente para a facilitação dos investimentos chineses no Brasil. Em segundo lugar, mencionou que espera que ambos os países consigam assinar um acordo específico para a isenção do imposto retido na fonte.

Em seguida, Marcelo de Andrade, Vice-Presidente da MD Global Sugar da COFCO International, começou sua palestra dando um panorama geral sobre as atividades da COFCO. De acordo com Andrade, a COFCO é a maior empresa de alimentos da China com um faturamento global de US\$ 61 bilhões. Trata-se de uma empresa muito diversificada, representando 51% da Coca-Cola na China, 50% do mercado de açúcar, 15% de todo o mercado de soja da China, além de trabalhar com produtos como chá e fabricação de vinhos. A COFCO Internacional é o braço global da COFCO e representa 25% dos negócios da empresa.

A COFCO Internacional foi formada em 2014 através da compra de 51% da Noble Agri e de 51% da Nidera. No começo do ano passado a COFCO comprou o res-



tante das duas tradings citadas, formando assim a COFCO Internacional. O objetivo deste braço da empresa é abastecer a China com produtos do agronegócio. As atividades da COFCO se concentram nas áreas de grãos, soja, milho, algodão, café, açúcar e sementes. O objetivo principal é comprar na fonte (no Brasil e na Argentina) e levar os produtos para a China. De acordo com Andrade, a COFCO Internacional no Brasil já nasceu como uma empresa grande, com faturamento de R\$ 15 bilhões e 7,6 mil funcionários. Na área de grãos a empresa tem duas fábricas, mais de 19 silos, dois portos e já processa seis milhões de toneladas de grãos entre milho e soja. O objetivo é suprir o déficit da China na área de grãos, que é de 84 milhões de toneladas para a soja, sendo que na China a COFCO processa 20 milhões de toneladas. Dessa forma, a empresa origina no Brasil seis milhões de toneladas de grãos e posteriormente embarca para a China, além de comprar 14 milhões de outras tradings diretamente do porto. Entretanto, ressaltou Marcelo, o objetivo é investir e fazer 100% dessa cadeia aqui, levando o produto para a China, já que parte do dinheiro da cadeia está na originação. O objetivo consiste em integrar toda a cadeia, desde a originação, a produção e a supply-chain, até a mesa do consumidor na China. A empresa também exporta para outros países, a maioria na Ásia, e conta também com negócios no setor de sementes, café e algodão. Há um grande potencial no agronegócio ao nível global e o Brasil será o grande celeiro e provedor destes produtos para a China e para toda a Ásia, afirmou Andrade.

Posteriormente, Lin Li, CEO da CCCC South America Regional Company iniciou sua apresentação fazendo uma descrição geral sobre as atividades da empresa. De acordo com Lin, a CCCC é líder na área de construção de infraestrutura de transporte, assim como na construção de rodovias, ferrovias, pontes, túneis, obras portuárias, dragagem, manufatura de maquinário portuário e real estate. Graças ao crescimento econômico da China, a CCCC tem dado grandes passos nos últimos 15 anos. No entanto, no mercado sul-americano a empresa ainda não alcançou resultados satisfatórios de acordo com sua capacidade e potencial.

No ano passado a CCCC estabeleceu a CCCC South America, para unificar os interesses das empresas subsidiárias do grupo e concentrar as capacidades de execução e financeira. O segundo passo dado foi em janeiro deste ano, através da aquisição de 80% da empresa brasileira Concremat, que atualmente é a primeira empresa de engenharia no Brasil. A CCCC South America vai aproveitar essa plataforma para desenvolver seus negócios e procurar mais oportunidades de negócios não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul.



Lin prosseguiu sua palestra apresentando as oportunidades de investimentos portuários no norte do Brasil, relacionados à exportação de produtos agropecuários. De acordo com as estimativas, o crescimento mundial - particularmente da Índia e da China - gerará uma grande demanda por produtos agropecuários para garantir a segurança alimentar dessas populações. O Brasil é reconhecidamente um país rico em recursos naturais, mas para garantir os embarques do setor, o desenvolvimento portuário será fundamental para melhorar a logística ligada à exportação. Nesse caso, a eficiência e capacidade dos portos afetará diretamente o desempenho das exportações de grãos. Atualmente os principais portos se situam no Sudeste do Brasil (Santos, Paranaguá e São Francisco do Sul). Historicamente as áreas de cultivo dos produtos agrícolas se concentram no Sul do Brasil, mas neste momento não há praticamente mais espaço disponível para expandir a fronteira agrícola nessas regiões. Dessa forma, o crescimento das exportações dependerá muito da renovação tecnológica na agricultura e do aprimoramento da infraestrutura, particularmente ferrovias e portos. Analisando o Norte e o Centro-Oeste do Brasil, pode-se constatar que ainda há margem para o aumento das terras cultivadas, o que vai implicar na saída dessa produção pelos portos do Norte do Brasil. Atualmente as instalações portuárias no Norte, apesar da existência de diversos portos e da presença de grandes tradings internacionais, concentram oportunidade no longo prazo para novos investidores, considerando o crescimento potencial do volume de cargas no futuro

A CCCC tem neste momento já definidas pelo menos três opções de investimento: Miritituba, Vila do Conde e Itaqui. A CCCC está desenvolvendo sua estratégia de investimento em infraestrutura no Brasil e tem grande interesse em colaborar com as empresas de comércio de produtos agropecuários, não só do Brasil mas também internacionais. A CCCC pode oferecer serviços de desenho, execução de obras, equipamento, ajuda para a estruturação do financiamento e a gestão de aluguel financeiro dos equipamentos. Também pode apresentar duas formas de cooperação com empresas brasileiras, seja através de uma coparticipação no nível de equity da empresa ou através de um acordo de longo prazo para garantir o retorno dos investimentos. Finalmente Lin mencionou o projeto da CCCC no Porto São Luiz, que está sendo concluído e consistirá em um porto terminal de cargas no Maranhão. O palestrante aproveitou a oportunidade para manifestar o interesse da CCCC em todas as entidades financeiras no Brasil para procurar novas oportunidades de investimento na área de infraestrutura no País.



Logo, Li Yinsheng, CEO da China Three Gorges (CTG) no Brasil apresentou uma visão geral sobre as atividades da empresa no Brasil. De acordo com Li, a CTG tem o objetivo de ser uma empresa brasileira e hoje se guia pelas leis e regulamentações nacionais. Mas ao mesmo tempo, a CTG é uma empresa chinesa, e como tal tem uma serie de regras e valores. A criação de valor, de acordo com o palestrante, é um dos principais objetivos de uma empresa. A CTG tem uma história de 24 anos, e por sua vez, tem um relacionamento de longa data com o Brasil, contando hoje com 800 funcionários no País, além de já ter investido R\$ 20 bilhões na economia brasileira, com operações diversificadas no território nacional.

O Comércio Bilateral Brasil-China

BALANÇA COMERCIAL

De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no primeiro semestre de 2017 a corrente comercial sino-brasileira totalizou aproximadamente US\$ 39 bilhões, o que representou crescimento de 27% em relação ao mesmo período de 2016. As exportações brasileiras seguiram em expansão, somando aproximadamente US\$ 27 bilhões, valor 36% maior do que o verificado entre janeiro e junho do ano anterior. Já as importações oriundas do país asiático apresentaram variação de 9%, atingindo compras de US\$ 12 bilhões. O saldo entre os dois países apresentou um superávit de aproximadamente US\$ 14,7 bilhões para o Brasil.

O mês de junho, em análise isolada, apresentou corrente comercial de pouco menos de US\$ 7 bilhões, 15% superior ao mesmo período do ano anterior. As exportações cresceram 19% em relação a junho de 2016, com vendas equivalentes a US\$ 4,8 bilhões, enquanto as importações apresentaram crescimento de 7%, apresentando compras que acumula-

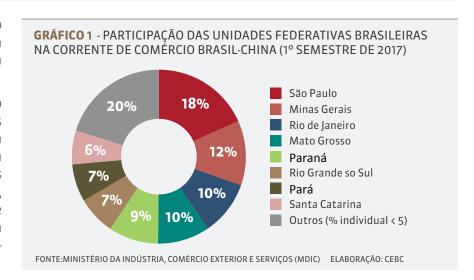
TABELA 1 - BALANÇA COMERCIAL (US\$ MILHÕES): 1º SEMESTRE DE 2017 EM COMPARAÇÃO COM 1º SEMESTRE DE 2016

	E	KPORTAÇÃ(PORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO			CORRENTE		
	2016	2017	Var. %	2016	2017	Var. %	2016	2017	Var. %	2016	2017	Var. %
Janeiro	1.391	2.840	104%	2.305	2.291	-1%	-914	549	160%	3.696	5.130	39%
Fevereiro	1.822	3.406	87%	1.714	1.863	9%	108	1.542	1323%	3.536	5.269	49%
Março	3.752	5.539	48%	1.927	2.102	9%	1.826	3.438	88%	5.679	7.641	35%
Abril	4.302	5.170	20%	1.431	1.798	26%	2.871	3.373	17%	5.733	6.968	22%
Maio	4.427	5.141	16%	1.845	2.077	13%	2.581	3.063	19%	6.272	7.218	15%
Junho	4.076	4.858	19%	1.991	2.132	7%	2.085	2.726	31%	6.066	6.990	15%
Acumulado	19.770	26.953	36%	11.213	12.262	9%	8.557	14.691	72%	30.983	39.215	27%

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS (MDIC) ELABORAÇÃO: CEBC

ram aproximadamente USS 2,1 bilhões. O saldo das transações comerciais encerrou o mês com resultado superavitário de USS 2,7 bilhões para o Brasil.

Em análise da corrente comercial bilateral tendo como perspectiva a participação das unidades federativas do Brasil, nota-se que São Paulo tem a maior parcela dentre os estados, com fatia de 18% do total. Em seguida, vêm Minas Gerais (12%), Rio de Janeiro (10%), Mato Grosso (10%), Paraná (9%), Rio Grande do Sul (7%), Pará (7%), e Santa Catarina (6%). Os outros estados somam cerca de 20% do total, tendo participação individual menor do que 5%.



EVENTO

PAUTA DE EXPORTAÇÃO

As exportações brasileiras no primeiro semestre de 2017 se mantiveram concentradas basicamente nas vendas de soja, minérios de ferro e petróleo, que representaram 84% dos envios direcionados ao país asiático.

Os embarques de soja apresentaram crescimento de 22%, em termos de valor, se comparados aos primeiros seis meses de 2016, somando aproximadamente US\$ 13 bilhões, enquanto a variação em análise quantitativa foi de 16%.

As vendas de minério de ferro atingiram US\$ 5,5 bilhões, um crescimento de 88% comparado com o primeiro semestre de 2016. Por sua vez, a variação em termos quantitativos foi mais moderada, tendo apresentado crescimento de 7%.

As vendas de óleos brutos de petróleo acumularam US\$ 4,2 bilhões, apresentando significativa variação de 161%. Em termos quantitativos, o produto apresentou um salto de 70%.

O setor de celulose teve bons resultados nas exportações de pasta química de madeira, exceto para dissolução, que al-

TABELA 2 - PAUTA DE EXPORTAÇÃO: 1º SEMESTRE DE 2017 EM COMPARAÇÃO COM 1º SEMESTRE DE 2016

EXPORTAÇÕES	2016		20	17			Participação na
	US\$ (milhões)	Ton (mil)	US\$ (milhões)	Ton (mil)	Var. (%) US\$	Var. (%) Ton (mil)	pauta em 2017 (US\$)
Soja, mesmo triturada	10.594	29.458	12.926	34.107	22%	16%	48%
Minérios de ferro e seus concentrados	2.929	98.072	5.510	105.407	88%	7%	20%
Óleos brutos de petróleo	1.614	7.493	4.211	12.731	161%	70%	16%
Pastas químicas de madeira, exceto para dissolução	862	2.128	1.064	2.507	23%	18%	4%
Carne bovina, congelada	362	87	400	95	10%	9%	1,5%
Carne de aves	441	256	380	195	-14%	-24%	1,4%
Ferro-ligas	200	34	255	37	27%	9%	0,9%
Óleo de soja	123	175,8	217	295	76%	68%	0,8%
Pasta química de madeira, para dissolução	143	277	197	301	38%	9%	0,7%
Couros e peles curtidos ou em crosta	185	78	197	82	6%	5%	0,7%
Centrifugadores, aparelhos para filtrar ou depurar	174	4	172	5	-1%	32%	0,6%
Veículos aéreos	113	0,1	131	0,1	16%	20%	0,5%
Outros	2.029	5.108	1.293	4.026	-36%	-21%	5%

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVICOS (MDIC) ELABORAÇÃO: CEBC

cançaram US\$ 1 bilhão, valor 23% maior do que o constatado no primeiro semestre do ano passado. Do mesmo modo, os embarques de pasta química de madeira para dissolução somaram US\$ 197 milhões, valor 38% maior do que o verificado em igual período de 2016. Juntos os produtos representaram 4,7% do total de exportações brasileiras à China.

15

PAUTA DE IMPORTAÇÃO

Em comparação com igual período de 2016, no primeiro semestre de 2017 as importações de produtos chineses apresentaram aumento na maioria dos principais itens, com exceção de máquinas e materiais mecânicos, assim como produtos químicos orgânicos. O valor das importações de aparelhos elétricos e suas partes alcançou US\$ 4,1 bilhões, tendo acréscimo de 37% em relação ao mesmo período do ano anterior. As compras de instrumentos mecânicos indicaram queda de 11%, tendo chegado a US\$ 1,8 bilhão e mantendo-se como segundo item da pauta importadora. Os dois setores, se somados, responderam por 49% de todas as importações brasileiras oriundas da China.

TABELA 3 - PAUTA DE IMPORTAÇÃO: 1º SEMESTRE DE 2017 EM COMPARAÇÃO COM 1º SEMESTRE DE 2016

IMPORTAÇÕES	20	2016		2017			Participação
	US\$ (milhões)	Qte (10 mil)	US\$ (milhões)	Qte (10 mil)	Var. (%) US\$	Var. (%) Qte (10 mil)	na pauta em 2017 (US\$)
Máquinas e materiais elétricos, e suas partes	3.004	1.460.104	4.121	2.258.304	37%	55%	33,6%
Máquinas e instrumentos mecânicos e partes	2.082	34.797	1.848	43.671	-11%	26%	15,1%
Produtos químicos orgânicos	950	-	892	-	-6%	-	7,3%
Plásticos e suas obras	345	-	382	-	11%	-	3,1%
Veículos automóveis, tratores, ciclos e partes	261	2.518	373	3.742	43%	49%	3%
Instrumentos, aparelhos de controle/precisão	265	42.060	323	70.445	22%	67%	2,6%
Ferro fundido, ferro e aço	157	-	311	-	98%	-	2,5%
Filamentos sintéticos ou artificiais	233	-	265	-	14%	-	2,2%
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	227	10.031	259	9.426	14%	-6%	2,1%
Obras de ferro fundido, ferro ou aço	213	18	245	14	15%	-24%	2%
Vestuário e seus acessórios, de malha	176	9.642,6	222	19.097	26%	98%	1,8%
Borracha e suas obras	136	3.145	212	6.657	55%	112%	1,7%
Outros	3.163	44.251	2.808	79.400	-11%	79%	22,9%

FONTE: MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS (MDIC) ELABORAÇÃO: CEBC

16

ANÁLISE CEBC



BRASIL-CHINA

é uma publicação da Secretaria Executiva do Conselho Empresarial Brasil-China, que reúne reflexões acerca dos principais tópicos da agenda sino-brasileira, por meio de entrevistas, artigos e análises, cedidas por renomados estudiosos da área, empresários e membros dos governos brasileiro e chinês com experiência prática nas relações bilaterais.

PATROCINADOR OFICIAL DESTA PUBLICAÇÃO:



O Banco Bradesco apresenta produtos e serviços para diferentes perfis de clientes e também atua com a proposta de suprir as demandas de empresas interessadas em estabelecer e estreitar relações comerciais nos mercados brasileiro e chinês. Para isso, o segmento Corporate mantém uma gestão de relacionamento centralizada, oferecendo soluções estruturadas – Tailor Made e de Mercado de Capitais – e gerentes especializados em visões de risco, mercado e setores econômicos. Os atendimentos são exclusivos para que as empresas recebam soluções customizadas de acordo com os negócios realizados. Ao mesmo tempo, as Agências e Subsidiárias no Exterior (Nova York, Londres, Grand Cayman, Luxemburgo, Hong Kong, Buenos Aires e México) têm como objetivo a obtenção de recursos no mercado internacional para repasses a clientes, principalmente por meio de financiamento a operações de comércio exterior brasileiro. Para mais informações acesse o site **bradesco.com.br**

PRESIDENTE

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

PRESIDENTE EMÉRITO

Embaixador Sergio Amaral

VICE-PRESIDENTES

Marcio Senne de Moraes

Diretor de Relações Externas da Vale

Marcos Sawaya Jank

Diretor Executivo Global para Assuntos Corporativos da BRF

Octavio de Barros

Consultor Econômico do Banco Bradesco

DIRETORES

Nelson Salgado

Vice-Presidente de Relações Institucionais e Sustentabilidade da Embraer

Pedro Freitas

Sócio do Veirano Advogados

Roberto Milani

Vice-Presidente da Comexport

Renato Lulia Jacob

Diretor e Membro do Conselho do Itaú BBA International

DIRETORA DE ECONOMIA

Fabiana D'Atri

Economista Coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco

MEMBROS HONORÁRIOS

Luiz Fernando Furlan

Ivan Ramalho

SECRETARIA EXECUTIVA DO CEBC

Secretário Executivo

Roberto Fendt

roberto.fendt@cebc.org.br

Coordenador de Pesquisa e Análise

Santiago Bustelo

santiago.bustelo@cebc.org.br

Analista de Relações Internacionais

Tulio Cariello

tulio.cariello@cebc.org.br

Analista de Eventos

Denise Dewing

denise.dewing@cebc.org.br

Administração

Jordana Gonçalves

jordana.goncalves@cebc.org.br

Estagiário

Gabriel Fragoso

gabriel.fragoso@cebc.org.br

Projeto Gráfico

Presto Design

Para fazer alguma crítica ou sugestão, entre em contato com a Secretaria Executiva do CEBC:

cebc@cebc.org.br +55 21 3212-4350 www.cebc.org.br